



Equipas Notre-Dame

III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

LADO A LADO COM O PADRE CAFFAREL

9/09/2015

Encontrei-me pela primeira vez com o Pe. Caffarel no dia 4 abril de 1968, no número 8 da Avenue Caesar-Caire, que era a residência paroquial da paróquia de Saint-Augustin, onde ele instalara o seu apartamento e o seu escritório. Depois de alguma insistência, contratou-me como redactor da *Carta Mensal das Equipas de Nossa Senhora* e dos *Cahiers sur l'oraison* (Cadernos sobre a oração). Comecei a trabalhar com ele em Setembro de 1968. Para me ter sempre à mão, tinha-me reservado um escritório independente perto de seu apartamento. Na sua biblioteca ocupava lugar de honra a colecção do *Anneau d'Or*, composta por 138 números, cuja publicação acabava de ser interrompida, e na qual eu tinha que mergulhar com toda a urgência. Além disso, o Pe. Caffarel pediu-me que acompanhasse uma Semana de oração, no mês seguinte, em Troussures e que participasse na próxima sessão das Equipas de Nossa Senhora, o que foi fundamental para eu poder assumir bem o meu papel. Trabalhei assim cinco anos perto dele. Em 1973, quando ele entregou noutras mãos a animação das Equipas de Nossa Senhora, mudei da Avenue César-Caire para o número 49 da rue de la Glacière. Aí, entrando com Annik na equipa responsável, assumi a redacção da *Carta ENS* e dos temas de estudo. Mas o Pe. Caffarel chamava-me regularmente para o ajudar nos seus trabalhos, especialmente quando se instalou permanentemente em Troussures, em 1979, e até o fim mantive-me próximo das suas preocupações...

O Pe. Marcovits acabou de vos apresentar uma visão de conjunto do pensamento do Pe. Caffarel. Olhando para trás e evocando as numerosas conversas que mantive com ele, imagino que ele iria incentivar-me a insistir junto de vós, actuais responsáveis pelo Movimento, em dois pontos — de forma a manterem-se fiéis à intuição original e, ao mesmo tempo, dando resposta às necessidades deste tempo. Esses dois pontos são: 1) As Equipas de Nossa Senhora, enquanto movimento da espiritualidade; 2) O mistério do amor humano e da sexualidade.

As Equipas de Nossa Senhora, movimento de espiritualidade

Quando o Pe. Caffarel e eu falávamos das Equipas de Nossa Senhora — o que acontecia em todos os nossos encontros — ele recordava-me com firmeza este ponto: as Equipas de Nossa Senhora não eram um movimento de família nem um movimento de acção católica, mas um movimento de espiritualidade. Que quer isso dizer? Simplesmente que o seu primeiro e essencial objectivo, de onde tudo o mais decorreria, era levar seus membros (neste caso, casais unidos pelo sacramento do matrimónio) à santidade. Tudo era orientado para esse objectivo: tanto a reunião da equipa («entra-se nelas por Deus...») como os pontos concretos de esforço.



III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

O próprio Pe. Caffarel, depois da sua iluminação aos vinte anos, da sua ordenação sacerdotal, em 1930, e dos seus primeiros ministérios (Secretariado da JOC, 1931-1934, e direcção do Instituto Cristão do Cinema, 1934-1936), tinha pedido ao seu bispo uma licença para se dedicar ao que ele sentia ser sua verdadeira vocação: um apostolado espiritual. Conduzir os seres humanos a Deus. E a sua acção pretendia ser espiritual, sob o impulso do Espírito Santo. Assim, durante a sua formação teológica, limitado no seu esforço intelectual por uma espécie de anemia cerebral, compensava essa limitação com três horas de oração diárias, não para reflectir sobre Deus, mas para o encontrar e não lhe opor resistência.

A partir do momento em que se empenhou neste apostolado específico, em 1936, e até ao final da vida, impôs a si mesmo três meses de deserto por ano (Fevereiro, Junho e Outubro), durante os quais ia para um lugar secreto, conhecido apenas pela sua secretária, que lhe fazia chegar o correio urgente. Ali, entregava-se intensamente à oração e à revisão da sua acção apostólica sob o olhar de Deus; preparava os seus livros e as suas grandes intervenções e a orientação das suas obras e das suas revistas. Mesmo quando se retirou para Troussures, apesar da calma e da contemplação que ali vivia, nunca abandonou os seus três meses de deserto...

Este reflexo espiritual — «Que espera o Senhor de mim?» — estava sempre presente nele, atitude testemunhada, entre outros, pelo caso belga. Os bispos belgas queriam reservar-se o direito de escolher os conselheiros espirituais das equipas de Nossa Senhora, o que surgia aos olhos do Pe. Caffarel como incompatível com a natureza do movimento, que era um movimento de leigos. É certo que o Pe. Caffarel recorreu aos canonistas competentes para defender seu ponto de vista. Mas, ao mesmo tempo, lançou uma ampla ofensiva de oração, criando o «Veladores» — que se tornaram, mais tarde, nos «Intercessores», movimento ainda hoje existente — uma cadeia de voluntários que se revezam durante a noite para rezar. Sempre para saber o que Deus queria e receber a luz do Espírito Santo através das mediações eclesiais.

Aquando da efervescência de 1968 que abalou a sociedade e a Igreja — a revolta estudantil, em Maio, a encíclica *Humanae Vitae* sobre a paternidade responsável, em Julho — e, nesse sentido, os movimentos eclesiais, como as Equipas de Nossa Senhora, o Padre Caffarel interrogou-se sobre a solução para os problemas que se levantavam. Coincidiu com o momento em que eu entrava ao seu serviço. Vou lembrar-me para sempre do dia em que ele entrou de rompante no meu escritório: «Eureka! Encontrei! Acabei de reler a história da Igreja. Quando uma agitação ameaça a barca de Pedro — num ponto ou noutro — a verdadeira saída é sempre por cima. É disso que necessitam as Equipas de Nossa Senhora: um aumento da exigência espiritual. Como é que eu pude lançar um movimento de espiritualidade, sem incluir nas «obrigações» (o antigo nome dos «pontos de



IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

concretos de esforço») a leitura da Palavra de Deus e a oração? No entanto, esta é a base indispensável. Temos de corrigir isso». Foi assim que, na peregrinação a Roma, em 1970, a Carta das Equipas de Nossa Senhora foi completada neste sentido...

E é aqui que eu volto ao meu ponto de partida. As Equipas de Nossa Senhora são feitas para levar os casais cristãos à santidade. Ser santo é ajustar-se a Deus, é estar em sintonia com a sua vontade, dócil ao sopro do seu Espírito. Como chegar aí sem oração? Não basta inscrever esta obrigação na Carta. Também é preciso iniciar os casais nesta oração interior e silenciosa cuja prática não é evidente. É «uma ciência e uma arte», dizia o Pe. Caffarel, que lhe dedicava toda a sua semana de oração em Troussures. Que faz o Movimento para isso? Existem algumas escolas de oração, na linha do Pe. Caffarel e dos seus *Cinco serões sobre a oração interior*. Posso dar o testemunho de Nantes que, desde há 15 anos, recebe todos os anos 30 a 40 participantes. Mas são tão poucos para as necessidades! Submeto este tema à vossa reflexão...

O mistério do amor humano e da sexualidade

A santidade é o objectivo. Mas aqui trata-se da santidade do casal. O seu caminho é o amor humano curado e santificado pelo sacramento. Mas no centro do amor humano está a sexualidade, simultaneamente fonte da sua riqueza e da sua fragilidade. O Pe. Caffarel, até o fim da vida, não deixou de se interrogar sobre o amor humano e a sexualidade. Em 1969, lançou um grande inquérito sobre este tema junto dos casais das Equipas, com um questionário muito minucioso, em dez páginas, que guardo nos meus arquivos. Recebeu um grande número de respostas muito francas e pormenorizadas, com dezenas de páginas cada uma, que eram a prova da confiança que os casais interrogados depositavam no Pe. Caffarel. A própria abundância do material recolhido não permitiu um escrutínio imediato. Só muito mais tarde, quando já estava em Troussures, é que o Pe. Caffarel teve tempo para analisar em profundidade os resultados do inquérito. Ficou profundamente impressionado ao descobrir as dificuldades sexuais sentidas pelos casais — casais cristãos que procuravam viver cristãmente o seu amor humano. Decidiu, então, preparar um livro que abordasse esse tema. O livro incluiria uma extensa introdução da sua autoria acerca da visão cristã do amor humano e da realidade sexual, com cerca de 150 páginas, e, em seguida, um determinado número de testemunhos — devidamente velados para preservar o anonimato, mas sem os trair — que revelavam plena integração da sexualidade, sucessos parciais e desaires completos. Seria um livro eminentemente delicado que só o Pe. Caffarel teria autoridade moral para publicar. Trabalhámos nele durante anos. No entanto, o perfeccionismo de que o Pe. Caffarel, por temperamento, sempre cultivara, com a idade, tornou-se quase excessivo e nunca conseguiu pôr um ponto final nesta obra.

E antes de morrer, decidi destruir tanto os testemunhos recolhidos como as páginas da sua própria explicação.

Como eu já pressentia esse desfecho, propus-lhe um dia entrevistá-lo sobre o tema e escrever um artigo para a revista *Alliance*. Ele aceitou. Tivemos uma longa conversa, que foi gravada, e eu transcrevi a entrevista, versão que depois submeti à sua aprovação. Mais uma vez, o perfeccionista interveio, tanto mais que o assunto era delicado, e ele nunca conseguiu decidir-se a dar luz verde para a publicação. [Entreguei a gravação ao promotor da causa de beatificação]. Não quis baixar os braços e pedi ao Pe. Caffarel autorização para citar — sem o nomear — algumas de suas palavras na *Carta das Equipas de Nossa Senhora*. E assim, com o seu consentimento, publiquei na *Carta* de Janeiro-Fevereiro de 1987 o artigo intitulado «O diálogo dos corpos», em que o velho sábio que nele intervém é, obviamente, o Pe. Caffarel. Mas, para proteger o seu anonimato, como ele desejava, pu-lo a tratar-me por tu, tratamento que ele, evidentemente, nunca utilizou.

Achei que o melhor seria citar este artigo que, naquela altura, teve pouca repercussão, para vos fazer perceber o problema. Pois, embora o contexto tenha mudado completamente — «é proibido proibir» —, o desafio permanece: como é que o casal cristão, com a graça do sacramento, pode integrar a sexualidade para que ela esteja ao serviço do amor, exprimindo-o e aprofundando-o — não a proprietária caprichosa que pode destruí-lo? Era uma «arte cristã de amar» que o Pe. Caffarel ambicionava desenvolver, mas não o conseguiu. O trabalho tem de ser retomado.

Eis o essencial das suas palavras:

As pessoas do século XX amam-se como bárbaros. [...] A nossa infelicidade é a nossa baixa de espiritualidade. O amor humano é o primeiro a sofrer com esta secura. O espírito — e para o cristão o Espírito Santo — não é o inimigo do corpo, como proclamam os tolos a toda a gente: é a luz: “Se os teus olhos estiverem sãos, todo o teu corpo estará iluminado” (Lc 11,34). Quando falo de espírito é no sentido da alma, ou, melhor ainda, dessa parte íntima da alma a que os místicos chamam “vanguarda” ou “profundezas” [...]

«O que eu quero sublinhar é que o ser humano é um só e que o amor humano completo envolve todas as áreas do ser. Se uma delas não participa do concerto, o amor não é harmonioso. É dissonante. E essa dissonância é uma ameaça. Porque cada instrumento só dá toda a sua sonoridade se estiver afinado com os outros. E o corpo, mais do que qualquer outra entidade» [...]

«Falemos com clareza. No amor humano, o corpo corre o risco de fazer ouvir bem alto as suas exigências em detrimento do coração e da alma. Confesso que estou preocupado — para além de

qualquer consideração moral — ao ver os jovens precipitarem-se na coabitação logo que sentem uma atracção mútua, cedendo aos desejos do corpo. Mas que cuidados prestam aos apelos simultâneos do coração e da alma? Se os descurarem, vão aprender à sua custa que as suas relações sexuais não podem deixar de sofrer com essa omissão. Ficam mais pobres e, a longo prazo, tornam-se decepcionantes. Daí as crises e as rupturas.» [...]

«Longe de mim a ideia de subestimar o corpo! Ele tem um papel a interpretar, um papel essencial. Mas interpreta-o mal quando pretende, se não fazer-se ouvir sozinho, pelo menos dirigir a orquestra! É um maestro medíocre, quando, afinal, pode ser um intérprete maravilhoso. Costumo dizer aos casais que me consultam — em geral, cristãos atentos ao que a Igreja diz —: Vós amais como bárbaros! Sempre que vos encontrais na intimidade, acabais na união completa. E, por causa disso, a vossa relação sofre períodos em que se impõe uma certa continência, nomeadamente para evitar um nascimento. Ou então recorreis à contracepção artificial e tornais-vos seus escravos. É que não aprendestes a tocar o vosso instrumento. Não tirais dele senão algumas notas, sempre as mesmas. Desconheceis aquilo a que eu chamo “o diálogo dos corpos”, que é, na verdade, um diálogo das duas pessoas por meio dos seus corpos. É necessária uma educação logo desde os primeiros encontros. Há tanta alegria apaixonada num simples beijo, numa carícia, no simples facto de estarem nos braços um do outro. Seria conveniente restaurar os esponsais como um tempo em que o jovem e a jovem já se iniciaram a um certo diálogo amoroso dos corpos, bem como o dos corações e das almas. Isso é fundamental para o sucesso do seu casamento. De facto, é na infância que a educação do jovem deveria ter em conta a totalidade do seu ser sexuado. Quantos pais falham neste ponto! Mas isso é outro assunto...»

«Para nos limitarmos ao diálogo dos corpos, penso que as pessoas casadas poderiam encontrar nele uma plenitude desconhecida e a resposta para muitos dos seus problemas sexuais. Não seria o tudo ou o nada, a união completa ou a abstinência. Eles possuiriam um vasto registo de expressão corporal do seu amor. Este diálogo dos corpos seria o acompanhamento beatificante das trocas afectivas e espirituais. Alimentaria o amor e a comunhão.» [...]

«Não digo que seja fácil. Requer um longo treino, de resto singularmente ajudado pelo amor, sobretudo pelo amor que jorra dos inícios e que liberta as fontes. Só que, se nunca se fala disso, quem imaginará que esse caminho a seguir seja um caminho de felicidade?» [...]

«Mais algumas palavras. [...] O ser humano e, portanto, o amor humano, desde o pecado original, é um ferido grave. É preciso pedir a Cristo a sua cura sob pena de fazer a amarga experiência de São Paulo: “Que homem miserável sou eu! Quem me há-de libertar deste corpo que pertence à morte?”



IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

(Rm 7,24). Cristo não só cura mas também opera como que uma transfiguração do corpo. Seria conveniente situar tudo o que eu disse sobre o “diálogo dos corpos” numa concepção mais ampla, a da vida cristã que decorre do sacramento do matrimónio. Resumidamente, o amor humano santificado pelo sacramento torna-se para o marido e para a mulher um veículo da graça de Cristo, que o transforma a partir de dentro e o conduz à sua realização. Não de uma única vez, mas no decurso de um caminho feito na irradiação do sacramento. Costumo usar, junto de quem me consulta, duas palavras gregas que se inscrevem fortemente na sua memória: o *eros* (a atracção sexual) é penetrado e irradiado pelo *agape* (o amor que está em Deus e que Deus nos comunica). É nesta perspectiva que o “diálogo dos corpos” ganha todo o seu sentido no matrimónio cristão: é um bom condutor do amor de Deus...»

O Pe. Caffarel pronunciou estas palavras na minha presença. Não as assinou. Por isso cito-as à minha responsabilidade. Elas indicam a direcção da sua pesquisa. E creio que compete às Equipas de Nossa Senhora prosseguir essa pesquisa... Este projecto —muito importante — faz parte da missão do Movimento.

Gostaria de acrescentar que, nesta pesquisa, com as obras do Pe. Caffarel, as catequeses de São João Paulo II sobre a “teologia do corpo” são susceptíveis de fornecer luz em abundância. Temos a sorte de dispor da edição em francês dessas catequeses, anotada por Yves Semen [João Paulo II. *La Théologie du corps*, Cerf, 2014, 786 páginas]. E deste mesmo autor, existem dois livros importantes: *La spiritualité conjugale selon Jean-Paul II* (ed. de la Renaissance, 2010, com traduções em espanhol, italiano e polaco) e *La Sexualité selon Jean-Paul II* (ed. de la Renaissance, 2004, com traduções em espanhol, italiano, polaco e português — *A sexualidade segundo João Paulo II*, Principia, 2006). De realçar também o desenvolvimento muito esclarecedor de Bento XVI sobre *eros* e *agape* na sua primeira encíclica, *Deus é Amor*.

Obrigado pela vossa paciência em me ouvirem dizer sempre as mesmas coisas (é da idade...).

Jean Allemand